

A PERCEPÇÃO DA FIGURA DE MALINCHE A PARTIR DO DISCURSO CRONÍSTICO ESPANHOL DO SÉCULO XVI

Maria Emília Granduque José*

Resumo: O trabalho tem como finalidade perceber como a figura de Malinche foi construída pelo discurso cronístico do século XVI, o qual ilustra as primeiras visões sobre esta personagem, e qual foi sua participação no processo da conquista no México. A caracterização de Malinche no século XVI, foi elaborada a partir da percepção dos personagens históricos que presenciaram e historiaram os feitos da conquista. Assim, o trabalho fundamenta-se na leitura de três cronistas espanhóis que relataram suas interpretações sobre a mexicana Malinche: Frei Bernardino de Sahagún, Francisco Lopez de Gómora e Bernal Diaz del Castillo. São cronistas inseridos no evento da conquista e que vão interpretar Malinche a partir da visão de mundo da época, marcada por uma sociedade masculina e religiosa, tal como era a espanhola.

Palavras-chave: Crônicas de Índias; Conquista espanhola; Malinche.

Résumé: Cette présentation fait attention a la façon comme la image de Malinche a été construit pour le discours du XVI siècle. Pour cette raison, on souligne les premières visions sur ce personnage, ayant une preoccupation spécial avec le lieu de ce personnage dans le contexte de la conquête du Mexique. Un point important est que la caractérisation de Malinche est parti de une perception des homme qui ont vécu les fait de cette conquête. De cette façon, la recherche on justifie en utilisant trois chroniqueurs espagnol qui ont écrit sur la Malinche: l' ecclésiastique Bernardino de Sahagún, Francisco Lopez de Gómora e Bernal Diaz Del Castillo. De plus, ils sont chroniqueurs qui ont été dans le parcours des conquêtes, lisant cette femme, selon la vison de l'époque, détachée pour une société masculine et religieuse.

Mots-clé: Chronique de Indes; conquête espagnole; Malinche.

No processo da conquista espanhola no México, durante o século XVI, a figura de Malinche é descrita pelas crônicas de Índias¹ como a mexicana que serviu de tradutora e intérprete de Hernán Cortés no diálogo com os indígenas. O discurso cronístico relata Malinche como importante contribuidora para o desenvolvimento da conquista espanhola no território mexicano, bem como sua capacidade argumentativa em conciliar a comunicação entre índios e espanhóis. Tal leitura, expressa que a indígena era detentora de um grande conhecimento das línguas nativas e habilidosa com as palavras, tratando logo de tornar-se a intermediadora entre esses dois mundos. Desse modo, o presente artigo busca perceber como

* Mestranda do curso de pós-graduação em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP campus Franca.

¹ Segundo Simón Valcárcel Martínez (1997:24), todos os textos produzidos até 1600 e que abordam sobre o descobrimento e colonização da América são amplamente considerados e denominados crônicas de Índias.

Malinche foi vista no século XVI, momento em que sua personagem surge na cena da conquista após ser inserida no grupo de Cortés². Para isso, as crônicas de Índias apresentam-se como documentos fundamentais no entendimento de como Malinche foi construída pelos relatos da época. Neste caso, o artigo se limitará na leitura de três crônicas espanholas que, sob diferentes perspectivas e propósitos, descreveram Malinche em seus escritos acerca da conquista. Tratam-se das obras *Historia verdadera de la conquista de Nueva España* de Bernal Diaz del Castillo, *Historia de la conquista de México* de Francisco López de Gómora e *Historia general de las cosas de Nueva España* de Frei Bernardino de Sahagún. No entanto, o conjunto das crônicas de Índias que abordam a respeito da conquista, tanto indígenas como espanholas, são todas importantes para o entendimento de Malinche³.

As crônicas de Índias são fontes de conhecimento sobre o descobrimento e colonização de América, e podem ser utilizadas na compreensão da realidade constituinte da época, pois refletem o pensamento, as idéias e a cultura que os cronistas vivenciavam. Dessa forma, as crônicas possuem a visão particular de cada cronista, que expressam suas crenças e condutas na construção da sua escrita, de modo que Malinche deve ser entendida considerando-se estes pressupostos. Cada cronista tem presente em seu relato uma dimensão literária e outra ideológica, percebidas de acordo com o contexto e convenções do período em que foram produzidas (VALCARCEL MARTINEZ, 1997:12). Assim, o propósito religioso, o econômico (ganhar mercedes) e o de adquirir fama, estão expressos em quase todos os cronistas, bem como a posição destes na empresa espanhola, direcionando a maneira como redigiram os seus relatos. Igualmente, o pensamento renascentista que se formava aos poucos no contexto intelectual europeu, também pode ser percebido nos relatos espanhóis da conquista e estabelecendo relações com as idéias dos cronistas. Por isso, navegantes, exploradores, conquistadores e clérigos, que são a grande parte dos cronistas, elencam a superação, o esforço e a crença no homem quinhentista nos seus escritos. Segundo José Antonio Maravall (VALCARCEL MARTINEZ, 1997:12), são estes homens os genuínos renascentistas, que enfrentaram longas viagens rumo ao desconhecido e trataram de construir

² No século XIX, por ocasião do processo de independência e da construção da identidade mexicana, Malinche é reinterpretada e acusada de traidora por ter se posicionado ao lado dos espanhóis na conquista. Dessa forma, sua participação como tradutora e contribuidora nos diálogos, descrita pelas crônicas do XVI, é transformada em uma atitude negativa e rebaixada pelo discurso político mexicano do XIX. (SKIDMORE, 1997:117).

³ Os autores Danna Rojo e Federico Navarrete (2007:17), afirmam que é muito difícil estipular uma distinção no que sejam crônicas indígenas e crônicas espanholas. Pelo fato de ambos os relatos tratarem do mesmo assunto e se encontrarem no mesmo contexto da conquista, ocorreram apropriações entre as duas culturas, de modo que nem sempre autores indígenas escreveram textos com traços indígenas. O que é importante são os diálogos interculturais das obras da historiografia da conquista, cujas vozes indígenas e espanholas se interpenetram.

um novo mundo em terras americanas. São homens que penetraram na realidade exógena e esforçaram-se para o entendimento do universo indígena e do cenário totalmente avesso ao que tinham conhecimento pelos antigos. De acordo com John Elliott (1984:41), a princípio os cronistas enxergavam o que desejavam ver, isto é, os conhecimentos tradicionais acerca da existência de um outro mundo influenciava e direcionava o que os estes observavam. Dessa forma, muitos cronistas ainda se apegavam nas lendas do maravilhoso como explicação do que vivenciavam. No entanto, a experiência na América e o contato muito próximo com essa nova realidade, conduziram muitos cronistas a abandonarem suas antigas teorias e verdades; de fato, a discrepância entre o Novo Mundo e suas idéias anteriormente concebidas já não podiam mais ser ignoradas. A influência da antiguidade clássica no homem renascentista alimentava a crença da não esfericidade da terra, da existência de antípodas em forma de monstros e de que os trópicos não eram habitáveis. Entretanto, com a chegada do europeu no território americano e após o longo tempo de permanência nesse espaço, as verdades antigas se esfacelaram. A partir disso, o homem do XVI passa a se considerar superior aos antigos gregos e romanos por ter colocado novas verdades com a descoberta do Novo Mundo.

De acordo com Simón Valcarcel Martínez (1997:78), os conquistadores mediam sua força com os grandes homens da antiguidade e logo concluíram sua superioridade porque descobriram algo extraordinário até então desconhecido pelos antigos. O mesmo autor destaca ser essa reação uma característica da época, marcada pela confiança e vontade de superação do homem. Dessa forma, a América motivou muitos cronistas na disputa por fama e reconhecimento com os antigos, como Bernal Diaz del Castillo, que se diz ultrapassar os feitos de Júlio César por ter participado de mais batalhas. Na verdade, a vontade de fama e honra foram os objetivos principais de Diaz del Castillo ao redigir sua crônica. Seu relato posiciona-se em contramão ao de Francisco Lopez de Gómora, por criticar a postura deste em considerar somente Cortés como herói individual da conquista e diminuir a participação dos demais membros da empresa, na qual ele se insere. Porém, seu descontentamento com Gómora vai além, ao acusar seu texto de fantasioso e errôneo por ele nunca ter estado na América. Por isso, Diaz del Castillo busca em sua narrativa o reconhecimento por também ter contribuído na conquista do México e reclama por mercedes como retribuição por seus feitos⁴. Na sua descrição dos fatos, Malinche aparece vinculada a Cortés em todos os episódios em que havia comunicação entre indígenas e espanhóis, colocando-a como intermediadora. Em sua *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*, está um dos

⁴ Para Simon Valcarcel Martínez (1997:103), a fama e as mercedes também faziam parte do intuito de cronicar.

mais completos relatos sobre Malinche, que, pela voz indireta do cronista, tem registrada sua participação na conquista (DÍAZ DEL CASTILLO, Cap. XXXVII): “He querido declarar esto, porque sin doña Marina no podíamos entender la lengua de Nueva España”. Neste mesmo aspecto, Lopez de Gómora aproxima-se de Diaz del Castillo, ao declarar a presença de uma escrava indígena que servia como faraute a Cortés (GÓMORA: Lo que habló Cortés a Teudilli, criado de Moctezuma):

(...) Jerónimo de Aguilar no entendía a estos indios, que eran de otros lenguaje muy diferente del que él sabia, por lo cual Cortés estaba preocupado y triste, por faltarle faraute (...) pero después salió de aquella preocupación, porque una de aquellas veinte mujeres que le dieron en Potonchan hablaba con los de aquel gobernador y los entendía muy bien (...).

No entanto, o olhar de Gómora não esquece a condição cativa e indígena de Malinche, transparecido em sua crônica. Concebe Malinche também como tradutora e intérprete dos espanhóis, caracterizando-a como a língua de Cortés⁵. Lopez de Gómora, ao que parece, foi o único cronista detentor de apurada cultura humanista, conhecedor do latim e leitor das grandes obras clássicas. Além disso, seu relato não é especificamente uma crônica, muito embora esteja inserido na abrangente denominação das crônicas de Índias. O que Lopez de Gómora elabora é uma história sobre a conquista espanhola no México, tendo os feitos de Cortés como foco principal e o mesmo como relator dos eventos sucedidos a partir de 1519. Trata-se de uma escrita motivada pelo humanismo da época que não deixa de lado a evocação dos modelos antigos como parâmetro de escrita, retórica e elaboração dos fatos. A explicação religiosa do sucesso da conquista e a Espanha como instrumento divino para a conversão dos infiéis também são valores contidos na argumentação de Gómora. Sua obra é um reflexo do mundo mental dos conquistadores que, além de recorrer à religiosidade como finalidade para os espanhóis se estabelecerem na América, ainda concorda com a busca de riqueza, fama e honra por parte dos participantes.

Segundo Simón Varcancel Martínez (1997:36), a providência divina era evocada pelos cronistas quando faltavam-lhes explicação para os fatos ocorridos. A mudança gradativa que se desenvolvia na Europa, advinda das novas idéias e pensamentos do homem, que muitos historiadores chamam de movimento renascentista, não significou uma renúncia à crença católica e nem representou um ateísmo. A Europa conviveu e alimentou por muito tempo a religiosidade cristã como moral e conduta a seguir, de modo que no processo da conquista

⁵ Muitos cronistas também a denominavam de faraute de Cortés, que significa “(...) mensajero...intérprete. Persona que bulle mucho en un asunto, haciendo ver que es la más importante en él (...). (MOLINER apud FLORES FARFÁN, 2006:120).

isso não foi diferente. Em grande parte dos cronistas de Índias, a providência divina aparece como orientadora dos passos de Cortés e dos espanhóis na luta constante contra os indígenas infiéis. Fray Bernardino de Sahagún exclama que Cortés caminhava movido por milagres de Deus, já que a vitória da minoria espanhola não teria outra explicação. Na qualidade de frei, a viagem de Sahagún ao Novo Mundo afasta-se dos propósitos dos demais cronistas, cujos objetivos eram financeiros e pessoais. A finalidade dos franciscanos na América era a conversão dos indígenas e a defesa da fé católica contra qualquer tipo de heresia, por isso, o conhecimento a fundo da cultura dos nativos será o passo inicial para o sucesso da catequese. Pois bem, assim conduzirá Sahagún em relação à cultura náhuatl, ao por em prática a lógica “conhecer para converter”. Os franciscanos não concordavam que a conversão forçada seria o ideal e muito menos que o desconhecimento da cultura dos índios pelos espanhóis resultaria em uma boa conversão. Bernardino de Sahagún argumentava que sem o conhecimento das práticas dos nativos, seria difícil perceber se estes estariam praticando seus rituais de forma implícita. Assim, este franciscano inicia um processo de estudo e pesquisa interna no mundo autóctone mexicano e, com a ajuda dos próprios indígenas, elabora sua crônica apoiada na história antiga dos povos meso-americanos. Como fonte documental, utiliza relatos orais dos índios e a tradução dos códices de língua náhuatl que continham a história antiga destes povos, inaugurando a etnografia⁶. No trato dado à Malinche, Sahagún aborda a mexica do mesmo modo como os outros cronistas, considerando-a como a língua de Cortés, muito embora também a retrate como personagem secundária na história, mostrando-a várias vezes como submetida e passiva às ordens de Cortés (SAHAGÚN, cap. 9): “(...) y que traían ésta por intérprete, que dezía en la lengua mexicana todo lo que el capitán don Hernando Cortés la mandaba”. Sua roupagem religiosa não deixa de salientar que Malinche foi convertida e denominada por Marina, embora muitas vezes a chame por Maria.

Entre os franciscanos, a religiosidade como explicação e fundamentação dos espanhóis na América era ainda mais constante, pois vislumbravam no Novo Mundo a edificação de um antigo projeto de se construir o reino de Jesus Cristo na terra. Por isso, o embate contra a condição infiel dos indígenas, decorrente da presença de Satanás na América, é uma constante nos relatos franciscanos⁷. Laura de Mello e Souza (1993:22), explica que a religião era lugar comum na sociedade deste período e impulsionava o olhar sobre o mundo dos cronistas no contexto dos descobrimentos. Igualmente, Salvador de Madariaga (1952:364) explana que “(...)

⁶ Simón Valcárcel Martínez (1997:23-24) considera Fray Bernardino de Sahagún um etnocronista.

⁷ A prerrogativa presente no segundo item dos Dez Mandamentos da Lei de Deus, direcionada aos cristãos, afirma que estes não devem adorar outros deuses alheios. A partir disso, entendemos que o culto aos deuses indígenas era interpretado pelos cronistas espanhóis como pecado e prática contrária à palavra de Deus.

como todo europeo de su tiempo, la religión cristiana era la verdad y todo lo demás era error (...). Assim, a recente luta contra os mouros “infiéis” também motivara os conquistadores espanhóis a considerarem os indígenas americanos como novos infiéis, detentores de seitas demoníacas a serem combatidas⁸. Dessa forma, a leitura que os cronistas fazem de Malinche não deixa de lado essa concepção cristã, o que nos faz acreditar que a imagem desta mexica pelos cronistas foi sustentada por estes referenciais religiosos. Ademais de as crônicas sublinharem a importância de Malinche como tradutora e intérprete dos espanhóis na comunicação com os nativos, sua descrição passa por intermediários⁹ que irão retratá-la nas crônicas de acordo com sua visão de mundo e a partir da realidade em que estavam inseridos, no nosso caso os cronistas espanhóis. Desse modo, não se trata da fala de Malinche que estamos escutando, porque nunca teremos acesso, mas sim da voz dos cronistas para compreendermos quem foi Malinche, vista e retratada a partir da leitura destes. Em um artigo intitulado “Las españolas en la vida colonial”, Pilar Pérez Cantó (2006:542) aborda que muitas mulheres da conquista que desempenharam um papel importante no espaço público, tiveram suas histórias mediadas e escritas por cronistas ou por outros autores posteriores. Sendo assim, as informações que temos hoje destas mulheres não são resultado de seus testemunhos diretos, o que nos impede de conhecermos como elas interpretavam seu próprio destino. Entretanto, é relevante saber que se trataram de mulheres importantes na conquista e que despertaram interesse e atenção dos cronistas, visto que foram mencionadas nos relatos da época. No caso específico de Malinche, sua retratação pelos cronistas tanto indígenas como espanhóis a vinculam com sua condição nobre no meio social em que ela se encontrava, por isso, tratam-na por Doña Marina ou Malintzin, já que o sufixo “tzin” denota um título nobre entre os indígenas.

A condição feminina de Malinche também apresenta-nos como outro fator para pensarmos a maneira como ela foi interpretada pelo discurso cronístico espanhol. Da mesma forma como a religiosidade pode ter inferido para a caracterização de Malinche na conquista, o fator feminino poderia ter pesado sobre sua descrição. Nessa perspectiva está Elena Pellus Pérez (2004), ao defender que a situação feminina de Malinche, que conseguiu adentrar no meio central da conquista, composto majoritariamente por homens, explica o caráter secundário desta personagem nos escritos da época. Isso porque, as referências às mulheres

⁹ Como os relatos sobre Malinche chegam até nós por meio dos cronistas, podemos entender que a imagem que temos desta indígena passou por intermediários ou filtros, na denominação de Carlo Ginzburg (1987:18), que a perceberam de acordo com as suas crenças, pensamentos e moral da época. Assim, tanto nos relatos indígenas como nos espanhóis, temos uma imagem de Malinche elaborada por outros.

nos escritos sobre a conquista somente dizem respeito a suas tarefas domésticas e cotidianas e à servidão sexual e alimentícia aos soldados. Dessa forma, podemos entender que Malinche e as demais mulheres da conquista são excluídas do domínio dos testemunhos, já que a autoria dos textos era sempre masculina. Em outras palavras, embora lembradas e até certo ponto valorizadas, pois estiveram presentes nos relatos cronísticos, algumas mulheres não tiveram voz para demonstrar sua ótica particular do mundo, o que nos faz concluir que o ambiente intelectual era de fato dominado por homens, que não davam espaço para a fala feminina. Sendo assim, o que o período quinhentista percebeu sobre Malinche foi a partir da leitura das crônicas da conquista elaboradas pelo universo masculino.

No entanto, Malinche deve ser interpretada no contexto do século XVI como uma personagem que alcançou expressão, pois não era comum neste momento mencionar os intérpretes dos conquistadores nos relatos cronísticos. Muito mais que isso, não era natural que os cronistas citassem o tradutor por nome em suas narrativas e muito menos que contassem a história pessoal deste participante. Por ser mulher, por ser indígena e por ser apenas uma faraute, condição por demais comum no processo da conquista, Malinche alcançou luz própria ao ser retratada por grande parte dos principais cronistas de Índias. Dessa forma, ao surgir como chave de acesso dos espanhóis ao universo mexicano, obscuro e desconhecido, Malinche pode ser entendida como uma intermediária cultural, em referência ao termo de Michel Vovelle (1987:217), na medida em que transita simultaneamente entre os dois mundos, o espanhol e o indígena. Nesse mesmo sentido, também podemos percebê-la como uma personagem que circula entre duas culturas distintas e opostas, de forma a colocá-las em relação próxima e recíproca, em que uma se apropria da outra no momento da conquista espanhola¹⁰. Assim, no contexto quinhentista em que se dão as primeiras descrições de Malinche, concluímos que se tratou de uma figura importante para esse evento histórico e que revelou a construção cultural de mais significação na conquista espanhola, a mestiçagem. Entendida como a mulher que selou a mistura indígena e espanhola no México, por ter tido um filho com Hernan Cortés, Malinche ainda é atualmente um símbolo da constituição racial mexicana.

¹⁰ Aquí dialogamos com Carlo Ginzburg e a Mikahil Bakhtin, em suas referências ao que vem a ser circularidade cultural.

Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BERNAND, Carmen (Comp.). *Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/Fondo de Cultura Económica, 1994.
- BRUIT, Héctor H. O visível e o invisível na conquista hispânica da América. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). *América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*. Disponível em: <http://www.artehistoria.jcyl.es/cronicas/contextos/10080.htm>. Acesso em: 15/04/2008.
- ELLIOT, J. H. *O velho mundo e o novo; 1492-1650*. Lisboa: Quercus, 1984.
- FLORES FARFÁN, José Antonio. La Malinche, porta voz de dos mundos. *Revista Estudios de cultura Náhuatl*. Numero 37, 2006. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México. In: <http://www.iih.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn37/ecnahuatl37.html>. Acesso em: 24/04/2009.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GLANTZ, Margo. *La Malinche, sus padres y sus hijos*. Taurus, 2001. Paulo: EDUSP, 1996.
- GLANTZ, Margo. *Doña Marina y el Capitán Malinche*. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01349497599804172423680/index.htm>. Acesso em: 10/03/2008.
- HELLER, Agnes. *O homem do Renascimento*. Lisboa: Presença, 1982.
- LEÓN-PORTILLA, Miguel (Org.). *A conquista da América Latina vista pelos índios; relatos astecas, maias e incas*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. *Significado da obra de Fray Bernardino de Sahagún*. Instituto de cultura Hispânica, 1966.
- LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. *Historia de la conquista de México*. Disponível em: <http://www.artehistoria.jcyl.es/cronicas/contextos/11492.htm>. Acesso em: 10/03/2008
- MADARIAGA, Salvador de. Hernán Cortés. In: *Ocho vidas de conquista*. Madrid: ediciones Castilla, 1952.
- MARAVALL CASESNOVES, José Antonio. *Antigos e modernos: visão de la historia e ideia de progreso hasta el Renacimiento*. Madrid: Alianza, 1998.
- MELLO E SOUZA, Laura de. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post.scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, 4º ed.

PELLÚS, Elena. Construcción y destrucción de dos culturas: aztecas y españoles en tres relatos de Carlos Fuentes. *América sin nombre*. Nº 5-6, diciembre, 2004.

PERÉZ CANTÓ, Pilar. Las españolas en la vida colonial. In: CANTÓ, Pilar Pérez; ORTEGA, Margarida; LAVRIN, Asunción. (Org.). *Historia de las mujeres en España y America Latina*. Madrid: Cátedra, 2006.

ROJO, Danna; NAVARRETE, Federico (DIR.) *Índios, mestizos y españoles: interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007.

SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Disponível em: <http://www.artehistoria.jcyl.es/cronicas/contextos/11500.htm>. Acesso em: 15/04/2008.

SILVA, Janice Theodoro da. *Descobrimientos e colonização*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Descobrimientos e Renascimento*. São Paulo: Contexto, 1991.

SKIDMORE, Thomas E. Onde estava a “Malinche” brasileira? Mitos de origem nacional no Brasil e no México. *Revista Cultura Vozes*, Petrópolis, 1997, p. 107-118, nº 91.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América; a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. *Las crónicas como expresión y configuración de la mentalidad renacentista*. Granada: Diputación Provincial de Granada, 1997.

VOLVELLE, Michael. *Ideologías e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.